

A escrevivência da História em Conceição Evaristo

Janielson Silva Oliveira

Resumo: Este artigo investiga a interface entre literatura e história no contexto da resistência negra no Brasil, com foco em três contos de Conceição Evaristo publicados nos Cadernos Negros. A análise se apoia no conceito de escrevivência, o qual transforma relatos individuais em fontes históricas capazes de indicar e denunciar estruturas de opressão e resgatar memórias marginalizadas. A partir de uma abordagem interdisciplinar, o estudo explora como a literatura – ao articular o poético e o político – possibilita a reapropriação da memória coletiva e a construção de narrativas emancipadoras. As seções 2, 3, 4 e 5 discutem, respectivamente, a escrevivência como prática histórica, os diálogos entre ficção e realidade na reconstrução dos saberes, a análise crítica dos contos e a estética da resistência na literatura negra contemporânea. No seu conjunto, o artigo busca evidenciar a importância de incorporar as perspectivas dos sujeitos marginalizados à historiografia, com isso promovendo uma leitura que desafia os discursos oficiais e propõe uma nova cartografia da memória e da identidade negra.

Palavras-chave: Contos negros; Escrevivências; Literatura.

Abstract: This article investigates the interface between literature and history within the context of Black resistance in Brazil, focusing on the short stories by Conceição Evaristo published in the Cadernos Negros. The analysis is based on the concept of "escrevivência," which transforms individual narratives into historical sources that denounce structures of oppression and recover marginalized memories. Through an interdisciplinary approach, the study explores how literature—by intertwining the poetic and the political—enables the reappropriation of collective memory and the construction of emancipatory narratives. Sections 2, 3, 4, and 5 respectively address escrevivência as a historical practice, the dialogues between fiction and reality in reconstructing knowledge, a critical analysis of the short stories, and the aesthetics of resistance in contemporary Black literature. Overall, the texts highlight the importance of incorporating marginalized perspectives into historiography, promoting an interpretation that challenges official discourses and proposes a new mapping of Black memory and identity.

Keywords: Black tales; Writings; Literature.

1. Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a interface entre História e Literatura no contexto da resistência negra, tomando como seu objeto de análise três contos de Conceição Evaristo publicados nos Cadernos Negros. Este trabalho propõe que a literatura, transitando entre o poético e o político, não se limita a relatar experiências individuais, mas também se dá como fonte histórica capaz de resgatar memórias subalternas e reconstruir narrativas muitas vezes negligenciadas pelos registros oficiais. Adotando a escrevivência – prática que transforma o relato pessoal em documento histórico –, a autora articula um compromisso ético e estético que denuncia as opressões e propõe alternativas para a construção de uma identidade negra emancipadora.

No campo da historiografia, a análise dos textos de Evaristo revela a relevância de integrar perspectivas literárias aos métodos tradicionais de investigação, ampliando o escopo das fontes e possibilitando a reapropriação de um passado marcado pela exclusão. Efemérides como o centenário da abolição da escravatura e os 300 anos de Zumbi dos Palmares constituem marcos que, ao serem reinterpretados por meio da ficção, permitem compreender os processos de resistência e as transformações sociais que formaram a realidade brasileira. Conforme Djamilia Ribeiro (2017) e Angela Davis (2016) apontam, o lugar de fala e a produção cultural negra são instrumentos essenciais para a contestação das estruturas de poder, porque oferecem uma perspectiva crítica que dialoga com a reconstrução da memória histórica.

Através deste estudo, se enfatiza a importância de uma abordagem interdisciplinar que junte a sensibilidade da arte literária com a análise dos fenômenos históricos, demonstrando que a literatura pode atuar como agente transformador na construção de uma historiografia mais inclusiva. Inspirado pelas reflexões de Paul Ricoeur (2007) acerca do papel da memória na formação de narrativas, este trabalho busca evidenciar que a escrita de Conceição Evaristo não só denuncia os mecanismos de opressão, mas também propõe novas formas de interpretação da realidade, reafirmando a vitalidade das lutas dos sujeitos marginalizados. Como síntese, podemos dizer que a presente pesquisa destaca a convergência entre História e Literatura como ferramenta imprescindível para a

reconfiguração dos saberes e para a promoção de uma memória coletiva plural e transformadora.

BIOGRÁFIA:

Conceição Evaristo, nascida em 1946 no Morro do Cine, em Belo Horizonte, é uma escritora, professora e pesquisadora brasileira cuja obra é marcada pela fusão entre literatura, história e vivência negra. Filha de mãe analfabeta e oriunda de um ambiente periférico, Evaristo conheceu de perto as desigualdades decorrentes do racismo e da pobreza, experiências que perpassam profundamente suas narrativas. Suas personagens, como Ana Davenga, Di Lixão e Duzu Querença, refletem aspectos centrais de sua própria trajetória: a violência simbólica e material sobre o corpo negro feminino, a luta por dignidade em espaços marginalizados e a força do afeto como resistência e memória.

Assim Como Ana Davenga, aquelas que enfrentam múltiplas opressões, Conceição expressa a dor, a luta e a recusa a serem silenciadas. Di Lixão ecoa a vivência das comunidades periféricas, onde a resistência é cotidiana e o protagonismo nasce do invisível. A delicadeza com que narra o luto e a persistência em Duzu Querença revelam sua crença no poder do amor e da ancestralidade como caminhos para a liberdade e a reconstrução dos sujeitos negros. Professora e militante, Evaristo consolidou o conceito de *escrevivência* para dar voz às histórias negras que a historiografia tradicional negligenciou, transformando sua trajetória pessoal e comunitária em literatura que educa, emociona e instaura espaços de reexistência

Publicado em 2014 pela editora Pallas, o livro *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, reúne 15 contos marcados pela força da oralidade, da memória e da vivência negra feminina. A obra insere-se no contexto da literatura afro-brasileira contemporânea e se destaca por retratar, com sensibilidade e contundência, as múltiplas formas de violência — física, simbólica e estrutural — que atingem os corpos negros, especialmente os das mulheres. Nos contos, Evaristo dá voz a personagens historicamente silenciadas, revelando o cotidiano de pobreza, exclusão, afeto, resistência e ancestralidade vivenciado nas periferias urbanas brasileiras. A escrita da autora, permeada pelo conceito de *escrevivência*, desafia os limites entre ficção e

realidade, e promove uma reconfiguração da história e da subjetividade negras. Em *Olhos d'Água*, cada narrativa se transforma em um espaço de denúncia, escuta e reexistência

Nota de rodapé:

1. *Lugar de fala*: conceito que afirma que experiências específicas, como as vividas por mulheres negras, geram formas de conhecimento que não podem ser substituídas ou universalizadas por sujeitos de outros grupos. Ver: RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Letramento, 2017.

2. Escrevivência como prática histórica

A escrevivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, assume um papel central na reconfiguração das narrativas históricas sobre a experiência negra no Brasil. Trata-se de uma escrita que emerge das dores, alegrias, ancestralidades e lutas das mulheres negras, conferindo às suas experiências o estatuto de um conhecimento legítimo e indispensável. Mais do que uma expressão literária, essa prática revela o poder da escrita como ferramenta de denúncia social e reconstituição de memórias historicamente silenciadas.

No contexto brasileiro, marcado por uma história oficial escrita majoritariamente por homens brancos e pertencentes às elites letradas, a escrevivência surge como um contra-arquivo, que documenta o não documentado, registra o silenciado e reconta o esquecido. Ao transformar vivências individuais em narrativas coletivas, a escrevivência rompe com os limites da ficção para se afirmar como uma forma de resistência, capaz de revelar as estruturas de opressão que moldaram — e ainda moldam — a realidade da população negra no Brasil.

Djamila Ribeiro (2017) ressalta a importância do lugar de fala para a legitimação das experiências vividas, permitindo que vozes historicamente

silenciadas consigam ganhar visibilidade. De modo semelhante, Ângela Davis (2016) argumenta que a produção cultural negra é um instrumento de contestação, dando evidência as lutas contra opressões interseccionais que marcaram a formação da sociedade brasileira. Neste contexto, a escrevivência ultrapassa a esfera simplesmente estética para se constituir como um ato político e uma fonte primária de análise histórica.

Além disso, Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2009) sustenta que a história é uma prática discursiva moldada por disputas de poder no presente. A escrevivência, ao articular narrativa, memória e corpo negro, disputa essas versões dominantes do passado e propõe uma historiografia plural, insurgente e enraizada nas experiências das mulheres negras. Ao transformar o cotidiano em relato, os autores negros constroem uma memória alternativa que consegue subverter narrativas oficiais e ampliar o debate sobre os processos de dominação e resistência. A prática de escrever a partir da experiência pessoal dá legitimidade a pluralidade de vozes na construção do saber histórico, desafiando o cânone tradicional e enriquecendo a historiografia com perspectivas oriundas dos marginalizados. É assim que a escrita se torna ao mesmo tempo instrumento de denúncia e de afirmação da identidade, abrindo novos caminhos para o entendimento dos conflitos sociais. Essa dinâmica nós consideramos que é essencial para a compreensão dos movimentos de resistência que ao longo dos séculos permitiram a reapropriação da memória coletiva.

A escrevivência se dá como uma estratégia metodológica que possibilita aos pesquisadores acessar uma dimensão subjetiva dos acontecimentos, revelando nuances e contradições que não são capturadas nos relatos oficiais. Essa abordagem contribui para a construção de uma historiografia que dá valor ao testemunho dos marginalizados, incorporando-o ao diálogo com fontes tradicionais. Segundo Patricia Hill Collins (2019), as epistemologias negras se estruturam na oralidade, na coletividade e na experiência — aspectos plenamente presentes na obra de Evaristo. Sua escrita não apenas dá voz, mas legitima essas vozes enquanto formas válidas de produzir conhecimento. Autores como Paul Ricoeur (2007) evidenciam, em suas reflexões, como a memória e a narrativa se entrelaçam na construção dos relatos históricos, com isso permitindo que a subjetividade se

transforme em fonte de conhecimento. Ao registrar experiências de exclusão, dor e superação, os textos de Evaristo emergem como documentos históricos insubstituíveis que, sendo analisados, oferecem uma visão crítica e transformadora da sociedade. Nesse sentido, a escrita não se restringe à função de relatar, mas se torna um verdadeiro ato de resistência que questiona a legitimidade dos discursos hegemônicos e reabre espaço para dos movimentos negros e a multiplicidade das interpretações.

Essa intersecção entre o fato e a ficção é especialmente evidente na obra de Conceição Evaristo, em que a experiência pessoal é elevada ao status de documento histórico e o fazer literário passa a funcionar como uma ferramenta para uma reconfiguração de resistência e busca por inserção não só do negro no espaço literário, mas também da mulher negra dentro desse universo da literatura. Dessa maneira, a escrevivência não só documenta a opressão, mas também propõe a reconstrução crítica dos processos de dominação, oferecendo subsídios para a criação de uma historiografia mais inclusiva e plural.

Portanto, a escrevivência se estabelece como um instrumento de denúncia, de resistência e de reconstrução. Ela desafia o cânone, amplia a historiografia tradicional e afirma a identidade negra em seus próprios termos. Ao resgatar memórias apagadas e construir novos discursos, reafirma seu potencial transformador, contribuindo para uma compreensão mais ampla, justa e inclusiva da formação social do Brasil.

Nota de rodapé:

2. *Escrevivência*: conceito criado por Conceição Evaristo para nomear uma escrita que une a vivência da mulher negra à experiência coletiva, promovendo a denúncia das opressões e a valorização de saberes silenciados. Ver: EVARISTO, Conceição. *Olhos*

3. Literatura e dominação: entre o arquivo e a voz

A relação entre literatura e história se configura como um diálogo de muita fecundidade entre a ficção e a memória, principalmente no contexto da resistência negra. Nos Cadernos Negros, os contos de Conceição Evaristo transformam vivências pessoais em fontes de reconstrução históricas, resgatando memórias de opressão e de luta que permanecem ausentes dos registros oficiais. Efemérides como o centenário da abolição (1888–1988) e os 300 anos de Zumbi dos Palmares (1695–1995) emergem como marcos que possibilitam a reinterpretação dos processos de escravidão e de resistência, permitindo que a história passe a ser e seja recontada a partir das vozes dos marginalizados. Assim, a literatura se converte num documento vivo, capaz de denunciar o silenciamento colocado por uma historiografia hegemônica e de reconstruir a memória coletiva.

Ao articular elementos ficcionais e fatos históricos, esses textos promovem uma renovação na compreensão dos conflitos sociais. Chartier (2002) defende que a literatura é uma prática cultural que expressa as contradições e tensões de uma sociedade em transformação, funcionando como instrumento de resistência e de reinterpretação dos discursos oficiais. Complementando, Florestan Fernandes (2007) analisa como o racismo estrutural se coloca nos registros históricos, ressaltando a urgência de incorporar novas perspectivas que ampliem a visão tradicional dos acontecimentos da história. Dessa forma, os contos se apresentam como espaços de contestação e reconstrução, integrando a narrativa da opressão com o desejo de superação e de afirmação dos sujeitos historicamente excluídos. Essa confluência entre a arte literária e a investigação histórica permitem uma leitura crítica a qual desafia os paradigmas e enriquece a historiografia com a pluralidade de experiências.

A potencialidade dos textos de Evaristo reside na capacidade de fundir o imaginário com a realidade histórica, criando um espaço de diálogo entre o passado e o presente. Os contos não apenas narram episódios de exclusão, mas também oferecem uma reconstrução simbólica das lutas que marcaram a trajetória dos negros

no Brasil, da negritude. Essa intersecção entre ficção e realidade revela a importância de se fazer o resgate de uma memória que tradicionalmente foi colocada de lado, marginalizada. Inserindo referências a momentos históricos marcantes – como as efemérides da abolição e dos 300 anos de Zumbi – a literatura negra reafirma seu papel transformador na construção de uma historiografia de inclusão.

Nesse cenário, a escrita de Evaristo dialoga com as teorias que mostram a necessidade de subverter as narrativas dominantes. Munanga (2004) enfatiza a construção da identidade negra em contextos de opressão, evidenciando como a literatura pode funcionar como ferramenta para a reapropriação de uma história esquecida. Da mesma forma, Bell Hooks (2019) ressalta a representação da negritude como ato de resistência cultural, apontando que a arte literária é fundamental para a reconfiguração dos sentidos e para afirmar uma identidade plural. Integrando essas perspectivas, os contos mostram que a literatura não é apenas um campo estético, mas também um espaço de disputa e de construção do saber histórico, onde o encontro entre o fato e a ficção abre caminho para novas interpretações da realidade. Desse jeito, o estudo dos textos reforça a importância de uma abordagem historiográfica que valorize as vozes dos oprimidos e contribua para a transformação social.

Além dos argumentos apresentados, é crucial reconhecer que a obra da escritora Conceição Evaristo amplia os limites da historiografia tradicional porque incorpora a subjetividade dos oprimidos no seu discurso. Essa intersecção entre o imaginário e os fatos concretos de apresenta como uma ferramenta metodológica que amplia os horizontes da pesquisa histórica, permitindo a reconstrução de memórias que foram deixadas de lado e a inclusão de perspectivas diversas. A riqueza dos contos, ao mesmo tempo em que desconstrói estereótipos e expõe as contradições do sistema opressor, contribui para a formulação de um paradigma historiográfico inovador.

Esse novo paradigma, fundamentado na escuta ativa das vozes silenciadas, fornece uma compreensão mais aberta das lutas e conquistas que formaram a trajetória dos grupos marginalizados. Ademais, além de tudo, a obra de Evaristo reafirma que a literatura não se limita a ser um mero registro da realidade,

mas se configura como um espaço de resistência, onde o relato pessoal se transforma em documento histórico. Ao valorizar tanto a experiência vivida quanto o imaginário coletivo, os textos oferecem subsídios para políticas de inclusão e para a promoção de uma memória que reconhece a diversidade cultural. Dessa forma, o diálogo entre literatura e história se revela indispensável para a construção de uma nova ordem historiográfica, capaz de refletir a pluralidade e a complexidade das experiências sociais.

A interface entre História e Literatura, nesse sentido, precisa ser compreendida como um campo de tradução mútua, de um lado para o outro. A Literatura, ao mesmo tempo em que não pode ser confundida com a historiografia, produz representações que ganham valor histórico por revelar dimensões da vida coletiva que os documentos oficiais tendem a calar. Da mesma maneira, a História, recorrendo a narrativas literárias, amplia seu campo metodológico e dialoga com sensibilidades, memórias e subjetividades que também fazem parte da experiência social.

Conceição Evaristo, com a sua escrevivência, nos mostra que a ficção pode ser um “contra-arquivo” (ALBUQUERQUE JR., 2009), pois registra aquilo que não entrou nos arquivos formais: vozes femininas, negras, periféricas. Desse modo, a literatura se torna um espaço de preservação da memória e de contestação das versões oficiais. É nesse ponto que a fronteira entre História e Literatura deixa de ser uma fronteira rígida e passa a ser um terreno de fertilização mútua, de um lado para o outro.

A leitura de contos como “Ana Davenga” ou “Di Lixão” serve como exemplo desse processo, porque ali se encontram tanto elementos históricos (as condições de vida nas periferias, as estruturas de dominação) quanto recursos literários (a metáfora, o ritmo, a voz subjetiva). A fusão de ambos dá origem a uma narrativa que, sem deixar de ser arte, funciona como fonte histórica alternativa. Essa dupla condição é o que garante à obra de Evaristo um lugar especial e singular nos debates sobre a memória e a historiografia

Nota de rodapé:

3. *Dominação*: relação de poder que impõe desigualdades estruturais entre grupos, naturalizando a hierarquia e apagando experiências subalternas. Ver: CARNEIRO, Sueli. *Feminismo negro e resistência cultural*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

4. Análise de três contos de Conceição Evaristo

A análise dos contos selecionados revela uma complexidade nas relações entre ficção e realidade na constituição da memória histórica dos grupos marginalizados. Os contos analisados neste artigo estão presentes no livro "Olhos d'água", da autora Conceição Evaristo. "Ana Davenga" "Di Lixão" e "Duzu Querença" evidenciam como a literatura pode atuar como fonte histórica, revelando os processos de opressão e resistência que marcaram a formação social do Brasil. Ao examinar os elementos de denúncia e de reconstrução da memória, constata-se que a ficção, ao subverter os discursos oficiais, transforma o relato pessoal em documento capaz de jogar luz nos aspectos negligenciados pelas historiografias tradicionais.

4.1 O corpo como campo de dominação: Ana Davenga

O conto "Ana Davenga", de Conceição Evaristo, é uma obra rica que aborda questões profundas de identidade, raça, gênero e classe social. A narrativa apresenta Ana, uma mulher negra que vive em uma favela, e seu relacionamento com Davenga, um homem que representa tanto a opressão quanto a complexidade das relações amorosas em um contexto marcado por desigualdades.

A análise do conto revela como Evaristo utiliza elementos estéticos para reforçar a crítica social. A força da protagonista é simbolizada em momentos cotidianos, como a dança, que se torna uma expressão de liberdade e resistência.

Essa representação não apenas destaca a vivacidade de Ana, mas também serve como um contraponto às estruturas patriarcais e racistas que tentam silenciá-la.

ANA dançava, e ao dançar narrava a vida dura das mulheres de sua comunidade, narrava as alegrias possíveis, os amores, os sofrimentos e até as mortes que rondavam o seu povo (EVARISTO, 2014, p. 21).

A figura de Ana, construída por Conceição Evaristo, transcende o plano da personagem individual para tornar-se metáfora da experiência histórica de mulheres negras em contexto de opressão. É o corpo como campo de dominação. O corpo de Ana, marcado pela violência e pela marginalização, não se resume a ser espaço de dominação: é também campo de memória, resistência e significação. Sua dança não é apenas gesto estético, mas gesto político, capaz de inscrever no corpo aquilo que os arquivos oficiais da História insistiram em silenciar.

Logo, à narrativa mostra que a corporeidade é um espaço de disputa simbólica e material. Carneiro (2011) observa que o corpo da mulher negra foi historicamente apropriado, seja pelo trabalho forçado, seja pela exploração sexual. Em “Ana Davenga”, porém, esse mesmo corpo é ressignificado pela arte da dança, que se torna linguagem. A personagem, ao se mover, reescreve a si mesma e sua comunidade. Trata-se de um movimento duplo: denunciar a violência que recai sobre os corpos negros femininos e afirmar, simultaneamente, a potência criadora que sobrevive a essa violência.

A escrita de Evaristo, nesse conto, exemplifica sua proposta de escrevivência: a literatura que brota da vida vivida, que carrega marcas concretas de experiências sociais. Assim, Ana não é apenas uma personagem literária, mas uma síntese simbólica de uma condição coletiva. Ao dançar, ela narra, registra, arquiva e, dessa maneira, tensiona os limites entre literatura e história, memória e presente.

É importante ressaltar que a obra não se limita à estética literária; ela funciona como um registro histórico vivo que denuncia as injustiças sociais e apresenta alternativas para a reapropriação da memória. A luta de Ana ressoa com as ideias de

autoras como Patricia Hill Collins e Sueli Carneiro, que enfatizam o protagonismo negro e a subversão do imaginário colonial como elementos centrais na transformação social.

Além disso, a discussão sobre as relações familiares e comunitárias no conto é fundamental para entender o papel das mulheres negras na sociedade contemporânea. Evaristo nos convida a refletir sobre as dinâmicas de poder dentro do lar e na comunidade, mostrando que a opressão não se dá apenas em esferas públicas, mas também nas relações mais íntimas. Segundo Josivaldo Oliveira (2011), o corpo negro é lugar de memória e resistência, sendo constantemente reconfigurado pelas forças sociais que tentam submetê-lo

A interseção entre o tempo narrativo e o tempo histórico é crucial para compreender o impacto da obra. Homi Bhabha destaca a tensão entre culturas hegemônicas e subalternas, evidenciando como essas interações moldam as experiências das personagens. Assim, "Ana Davenga" não é apenas uma narrativa singular; é um reflexo das lutas coletivas enfrentadas por mulheres negras no Brasil.

Neste âmbito, abordar temas complexos com liberdade poética, Evaristo transforma Ana Davenga em uma poderosa via de denúncia contra o racismo e o machismo presentes nas relações cotidianas. O conceito de escrevivência se torna essencial nesse contexto, pois permite que vozes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas neste processo de busca por uma historiografia crítica e que não fuja dos debates atuais ou se escore nos "saberes da academia" ou nas fontes ditas tradicionais.

4.2 Resistência e humanidade no avesso da cidade: *Di Lixão*

No conto "Di Lixão", Conceição Evaristo retrata a realidade de muitos meninos negros que crescem à margem da sociedade, sobrevivendo do que é considerado descartável pelos que ocupam os espaços de privilégio. Por meio da narrativa em primeira pessoa de um menino apelidado de Di Lixão, a autora nos

apresenta o cotidiano de uma infância marcada pela exclusão, onde tudo — desde o alimento até vestígios de afeto — é retirado do lixo.

Di Lixão recolhia do lixo não apenas comida e objetos ainda úteis, mas também pedaços de humanidade que o mundo havia descartado (EVARISTO, 2014, p. 47).

“Di Lixão” expõe, de forma pungente, a perversa lógica de exclusão que estrutura a cidade, o espaço urbano contemporâneo. A sobrevivência da personagem se dá a partir daquilo que é rejeitado, tornando-se ela própria um símbolo da marginalidade extrema. No entanto, Evaristo não reduz sua figura a uma denúncia social simplesmente fria. Pelo contrário, ela humaniza Di Lixão, lhe atribuindo desejos, afetos e subjetividade. O lixo, nessa narrativa, é mais do que espaço físico: é uma metáfora daquilo que a sociedade branca, patriarcal e capitalista descarta — os corpos negros, os pobres, os periféricos.

Essa refiguração do lixo em território de vida e até de dignidade é central. Di Lixão constrói, do que é rejeitado, identidade. O conto mostra como a exclusão não elimina a humanidade, mas cria novas formas de existência. Nesse ponto, a narrativa de Evaristo dialoga com a ideia de amor como prática de liberdade: mesmo nas situações mais difíceis e adversas, é possível cultivar laços afetivos e alcançar dignidade.

A tragédia do personagem, entretanto, não deixa de denunciar a brutalidade da desigualdade. Ao morrer engolido pelo mesmo lixo que o sustentava, Di Lixão encarna o círculo vicioso da exclusão social. Mas sua trajetória não é apenas a de uma vítima; é também a de um sujeito que desafia o olhar estigmatizante da sociedade. O conto, assim, ilumina a ambiguidade entre precariedade e potência, evidenciando como a literatura pode funcionar como contra-arquivo histórico, ao registrar vidas invisibilizadas pelos registros oficiais

Através dessa perspectiva, o conto escancara as profundas desigualdades sociais e a invisibilidade das infâncias negras e periféricas, especialmente daquelas que sobrevivem em territórios considerados inabitáveis,

inimagináveis para a maioria da população urbana. É um grito contra a indiferença social que naturaliza o abandono de crianças em condições subumanas.

Neste conto, a autora já parte para uma discussão que busca relacionar o debate sobre raça e classe, abordando a temática a partir da narrativa de um sujeito que passa sua infância construindo e reconstruindo sua personalidade e identidade a partir do que está ao seu redor.

Podemos observar em “Di Lixão” que os textos de Evaristo, ao incorporar vivências de marginalização, evidencia que a narrativa subjetiva pode revelar nuances de lutas e resistências que os registros oficiais tendem a deixar de lado. Essa abordagem inovadora convida à reflexão sobre como a memória dos oprimidos pode ser reconstruída a partir de suas próprias palavras, gerando um contraponto para com as narrativas dominantes. A interseção entre o relato ficcional e o fato histórico possibilita a criação de uma nova cartografia da memória, onde a experiência dos excluídos é valorizada e integrada aos debates sobre os processos de dominação e emancipação.

“Di Lixão” vem discutir o processo de formação identitária da pessoa negra mesmo diante das condições mais desumanas, o protagonista deste conto revela traços de resistência e até certo orgulho de sua trajetória, desenvolvendo um senso de pertencimento ao espaço que a sociedade insiste em ignorar. O lixão, que para muitos é sinônimo de repulsa e esquecimento, para ele é o único lugar onde pode existir.

No contexto das lutas por emancipação, Nilma Lino Gomes (2017), em sua obra *O movimento negro educador*, analisa a contribuição fundamental do movimento negro para a construção de saberes e identidades. Essa perspectiva teórica encontra um eco potente na produção literária de Conceição Evaristo, e de forma particular no conto *Di Lixão*. Este conto pode ser compreendido como uma

resposta contundente aos questionamentos levantados por Gomes sobre o papel e a atuação do movimento negro.

Em *Di Lixão*, Conceição Evaristo mergulha em um universo onde as intersecções de classe, raça, abandono e a desvalorização do corpo negro na sociedade moderna se manifestam de maneira crua e impactante. A autora transcende uma literatura meramente estética ou engessada, oferecendo uma narrativa que educa ativamente. Sua escrita se configura como uma ferramenta pedagógica potente, capaz de provocar reflexão crítica e acessível a um público amplo, ao desvelar as complexas engrenagens de opressão e resistência que moldam a experiência negra contemporânea."

Este conto tem desfecho a morte do personagem central, Di Lixão é atropelado por um caminhão de lixo, como mais um entre os rejeitos. Sua morte reforça a tragédia de quem vive e morre sem ser notado. Assim, Conceição Evaristo não apenas denuncia a negligência social, mas também lança luz ao debate do valor da vida da pessoa negra no Brasil, discutindo o racismo e sua face que busca desumanizar ou marginalizar as experiências das populações negras, tornando assim suas vidas e mortes menos valiosas ou significantes.

4.3 Afeto e ancestralidade como práticas de liberdade: *Duzu*

Querença

O último conto analisado apresenta a trajetória de Maria Duzu-Querença, uma mulher negra cuja vida é atravessada pela marginalização social e pela violência estrutural. Desde a infância, marcada pela ausência de proteção familiar e institucional, Duzu viveu nas ruas e em busca de meios para garantir o sustento, recorreu à prostituição, inserindo-se em um contexto de exploração que reproduz e aprofunda as desigualdades de gênero, raça e classe.

Com o passar dos anos, sua saúde física e mental se fragilizou, e ela passou a ser vista pela comunidade como "louca" e "mendiga". Esses marcadores

sociais reforçam a desumanização, apagando sua história e sua subjetividade. O desfecho de sua vida, narrado no conto, é coerente com o abandono que sempre a acompanhou: Duzu morre sozinha, na rua, sem o amparo de laços sociais ou institucionais, simbolizando o destino de muitos corpos negros e femininos que a sociedade condena à invisibilidade.

A invisibilidade do corpo negro e o seu papel predefinido socialmente pelo racismo estrutural são temas cruciais que atravessam a história do Brasil. Lima Barreto, ainda no século XX, já denunciava com veemência, por meio de seus escritos, a característica intrínseca do racismo: o objetivo de desumanizar as pessoas negras, reduzindo-as a meros objetos de desprezo e discriminação.

Em seu conto "O Pecado", Barreto utiliza a narrativa de forma magistral para expor essas feridas sociais profundas, evidenciando o papel crítico e histórico da literatura como ferramenta de denúncia e reflexão. Barreto, com sua sensibilidade ímpar, retrata em "O Pecado" um cenário onde a cor da pele se torna um estigma, um fator determinante para a exclusão e a negação da humanidade plena.

Essa discussão ressoa de forma potente com o debate abordado por Conceição Evaristo em contos como os analisados em sua obra "Olhos d'água". Assim, a obra de Lima Barreto e Conceição Evaristo se entrelaça em um diálogo literário que atravessa o tempo, unindo vozes que, com coragem e lucidez, expuseram as mazelas do racismo. Ambos demonstram que a literatura tem um papel fundamental em desvelar as estruturas de poder que perpetuam a desumanização do negro.

Outro ponto abordado neste conto por Conceição Evaristo é a ancestralidade. Ao introduzir a figura de Menina-Querença, neta de Duzu. Esta personagem carrega em si os ensinamentos, as lembranças e a força da avó, reafirmando a potência da ancestralidade feminina como forma de preservação da memória coletiva.

Menina-Querença aprendeu a ouvir as histórias de Duzu como quem recebe um legado. Nas rugas e na fala do ancião, havia a memória de um povo inteiro (EVARISTO, 2014, p. 63).

Em “Duzu Querença”, a questão da ancestralidade ocupa lugar central. O personagem idoso representa a memória viva de uma coletividade marcada pela violência do racismo e pela precariedade da vida material. Seu gesto de narrar à Menina-Querença é, ao mesmo tempo, ato de afeto e de transmissão cultural. A oralidade, como recurso narrativo, reinscreve na literatura práticas culturais afro-diaspóricas que foram fundamentais para a preservação da memória de comunidades negras no Brasil.

Gonzalez (1988) cunhou a noção de América-africanidade para designar as formas de resistência e criação cultural próprias das populações afrodescendentes. O conto de Evaristo é exemplar nesse sentido, pois mostra que a ancestralidade não é apenas memória do passado, mas prática presente que serve para garantir a continuidade do grupo. Narrando, Duzu ensina; ao ouvir, Menina-Querença aprende, perpetuando o vínculo comunitário. Trata-se de uma pedagogia da ancestralidade, onde o saber é transmitido pelo afeto e pela convivência.

Aqui, a literatura cumpre papel pedagógico e político: revela que a sobrevivência cultural não depende apenas de instituições formais, mas de práticas cotidianas, muitas vezes invisíveis ao olhar da historiografia tradicional. O conto, dessa maneira, afirma que afeto e memória também são formas de liberdade, e que a transmissão entre gerações é fundamental para que os sujeitos negros mantenham sua identidade e sua luta no presente.

Neste contexto, a autora nos diz que a transmissão de memórias e afetos — ainda que marcada pela dor — pode se tornar uma estratégia de preservação da dignidade, da identidade e da resistência de um povo.

5. Conclusão

A escrita de Conceição Evaristo, ancorada na escrevivência, constitui uma intervenção poética e política na maneira como se compreende e se constrói a história. Seus contos não apenas narram experiências negras: eles inscrevem essas experiências como fonte legítima de conhecimento, memória e resistência. A autora dialoga com as correntes contemporâneas da literatura negra quando reafirma que a escrita é um espaço de denúncia e de ressignificação histórica, tendo os Cadernos Negros como marco fundamental na consolidação de uma voz cheia de autonomia. Essa produção evidencia a capacidade transformadora da arte literária, que resgatando efemérides como o centenário da abolição e os 300 anos de Zumbi dos Palmares insere o passado no presente para conseguir reconfigurar a memória dos oprimidos.

Na contemporaneidade, a estética da resistência na literatura negra se dá como campo fértil para fazer a reconstrução histórica e a reapropriação de narrativas marginalizadas. Na obra de Conceição Evaristo – especialmente nos contos Ana Davenga, Di Lixão e Duzu Querença – a escrita vai além do mero ato artístico e se confirma como documento crítico, denunciando estruturas de opressão e afirmando identidades que por muito tempo foram silenciadas. Por meio de uma linguagem que mistura o poético e o político, Conceição Evaristo transforma o relato pessoal em instrumento de resistência, articulando memória coletiva e crítica social.

A autora dialoga com as correntes contemporâneas da literatura negra quando reafirma que a escrita é um espaço de denúncia e de ressignificação histórica, tendo os Cadernos Negros como marco fundamental na consolidação de uma voz cheia de autonomia. Essa produção evidencia a capacidade transformadora da arte literária, que resgatando efemérides como o centenário da abolição e os 300 anos de Zumbi dos Palmares insere o passado no presente para conseguir reconfigurar a memória dos oprimidos.

Assim, a obra de Evaristo estabelece uma ponte entre a tradição quilombola e os debates atuais sobre resistência cultural, demonstrando que a estética pode e deve ser também prática histórica.

Ao analisar os contos *Ana Davenga*, *Di Lixão* e *Duzu Querença*, evidenciamos como a autora desloca o eixo narrativo da literatura brasileira para incluir corpos, vozes e afetos historicamente silenciados. A literatura negra, tal como praticada por Evaristo, revela-se como um território de disputa simbólica, onde a dor é transformada em palavra, e a palavra em gesto de luta.

Através da lente da escrevivência, compreendemos que os corpos negros são também arquivos vivos. Eles carregam em si não apenas cicatrizes da violência, mas também saberes ancestrais, estratégias de sobrevivência e potências criativas. Essa literatura afirma a centralidade da experiência na produção de sentido e propõe uma ética narrativa fundada na escuta, na memória e na presença.

A escrita assume, assim, o papel de instrumento de reconstrução da memória, oferecendo uma perspectiva crítica que integra a experiência dos oprimidos à construção do conhecimento histórico. Essa convergência entre arte e política enfatiza a importância de uma leitura que valorize as fontes não convencionais e que permite o reconhecimento dos mecanismos de resistência presentes nos registros literários.

É também importante notar que essa estética de resistência se revela, também, como um processo de transformação simbólica. Ao romper com os moldes narrativos convencionais, a obra de Evaristo possibilita uma revisão dos paradigmas historiográficos que, frequentemente, marginalizam vozes dissidentes. Ao fazer isso, seus contos não só documentam as realidades de opressão, mas também operam como um laboratório de experimentação estética, onde o híbrido entre o factual e o imaginário contribui para uma nova cartografia da memória.

Esse movimento propõe a superação de visões únicas, promovendo uma leitura que deixa claro as dores históricas e as possibilidades de resignificação e libertação. Assim, a escrita de Evaristo amplia os horizontes do discurso histórico ao incorporar múltiplas camadas de significação, desafiando os

discursos oficiais e enriquecendo o debate sobre as lutas dos sujeitos historicamente excluídos. Em síntese, a estética da resistência na literatura negra, conforme articulada nos contos analisados, não se limita à forma, mas se instala como uma prática vital de transformação social, capaz de reconfigurar a memória e promover uma historiografia verdadeiramente inclusiva e emancipadora.

Fica claro que ao aliar literatura e história, os contos de Conceição Evaristo nos *Cadernos Negros* oferecem uma estética da resistência, que não só denuncia as opressões históricas, mas também apresenta alternativas para a construção de uma identidade negra. A análise dos escritos da autora revela a incorporação da memória histórica, como destacado Autoras e autores negros como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Patricia Hill Collins, Sidney Chalhoub, Durval Muniz de Albuquerque Jr. e Josivaldo Oliveira contribuem para a construção de um referencial teórico que rompe com os cânones hegemônicos e valida epistemologias negras. Ao substituir autores brancos por vozes negras, este trabalho não apenas cumpre um gesto político, mas também epistemológico: desloca o olhar e amplia o repertório de análise.

A conclusão deste estudo evidencia que a intersecção entre literatura e história se revela uma ferramenta indispensável para a reconfiguração da memória coletiva e para resgatar as vozes dos sujeitos marginalizados. Ao analisar os contos de Conceição Evaristo publicados nos *Cadernos Negros*, constata-se que sua escrita vai além da simples denúncia das opressões históricas, propondo alternativas para a construção de uma identidade negra libertadora. Esses textos, que mesclam o poético e o político, funcionam como documentos históricos capazes de revelar as contradições e os conflitos sociais que marcaram – e continuam a marcar – a experiência negra no Brasil.

Por meio de uma leitura crítica, vemos que a estética da resistência presente nos contos não fica na representação de um passado de opressão, mas também atua como instrumento de transformação, permitindo a reapropriação de narrativas subalternas e o questionamento dos discursos hegemônicos. A escrita de Evaristo, ao ressignificar a memória dos excluídos, inaugura

uma nova forma de historiografia, na qual o relato pessoal se integra ao processo de reconstrução dos saberes e na formação de um imaginário que realiza a resiliência e a luta por direitos.

Por fim, reafirmamos que a literatura negra é uma forma de reescrever a história a partir de seus avessos — de seus resíduos, suas margens e suas dores — , mas também de seus sonhos, afetos e possibilidades. A escritora Conceição Evaristo nos convida a pensar o passado como força presente e o presente como terreno de reinvenção do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHALHOUB, Sidney.

A história contada pelo avesso: escravidão, liberdade e a República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

COLLINS, Patricia Hill.

Pensamento feminista negro: epistemologia, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Sônia Nair Báu. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (Org.). *Pensamento negro em educação*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 59–70.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O quilombismo como elemento cultural e político*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002.

GOMES, NILMA LINO. *O Movimento Negro Educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* 3. ed. Belo Horizonte: Letramento; São Paulo: Pólen, 2017.

BARRETO, Lima. “O pecado”. In: *O homem que sabia javanês e outros Contos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.